



MUSEUS DE LITERATURA: CONSTRUINDO CIRCUITOS[√]

 Claudia Barbosa REIS*

RESUMO

O texto aborda possíveis relações entre Literatura e Museus por meio de elementos envolvidos na arte de escrever que podem ser levados aos museus e a um interlocutor diferente do leitor – o visitante. A literatura serve, no museu, para o conhecimento do mundo, material e ficcional, para o despertar de sensibilidades, para o desenvolvimento da reflexão sobre a arte da escrita. Modos diferentes de leitura de textos e de biografias, resgatados pela museografia, servem à literatura como apoio, catalisador e difusor de conhecimento.

Palavras-chave: Literatura. Museus. Percepção. Emoção. Memória.

Na análise que Luiz Costa Lima faz de Aristóteles, especialmente enfocando *De anima*, está uma questão que muito interessa às relações entre Literatura e Museus. A maneira como se relacionam as faculdades da alma humana: a percepção, por meio dos cinco órgãos dos sentidos; a imaginação, que se daria quando a percepção se frustra, indo além dela, e a memória - a imagem mental daquele que recorda. Essa equação ajuda a compreender o processo de inspiração, que era o sopro das musas, filhas da memória, invocadas ao princípio de um poema épico ou de uma história clássica, conforme a narrativa de Hesíodo.

Os poemas, como faziam Homero e seus contemporâneos, eram passados adiante oralmente e, desse modo, se incorporavam à memória coletiva daquela sociedade, anterior ao advento da escrita. Literatura e memória nos tempos gregos

[√] Artigo recebido em 10 de abril de 2017 e aprovado em 12 de junho de 2017.

* Doutora em Literatura Brasileira pela PUC-Rio. Museóloga. Email:<claudia.breis@yahoo.com.br>

arcaicos formavam a parceria que deve ser resgatada quando se pensa em levar a Literatura para o trato museológico. Pois, como lembra Torrano (2010), o mundo **que o poema arcaico traz à luz estará vivo, de modo permanente, enquanto formos homens**. É um mundo arquetípico que permite a experiência do sublime e do terrível. A literatura, capaz de trazer ao homem contemporâneo tais sentimentos, merece então ser compreendida e difundida de modo conceitual e dinâmico de forma a ser apresentada à sociedade nas suas múltiplas interfaces.

A compreensão da relação do museu com o visitante é o ponto de partida para a aceitação do núcleo principal deste argumento: a elaboração de um paradigma museal de interpretação da literatura e das obras literárias. São inúmeros os exemplos de exposições e instalações que exploraram o tema literário. Situações eventuais ou excepcionais que diferem segundo o *modus operandi* do estabelecimento de um perfil de museu que, segundo definição do *The International Council of Museums* (ICOM) deve **estar a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, tendo como funções adquirir, conservar, estudar, comunicar e expor testemunhos materiais do homem e de seu meio ambiente**.

Museus trabalham com a memória, independente do tema que abordem. O fato de catalogarem, conservarem estudarem e exporem os itens que agregam obriga a essa relação memorial perene. Não apenas na realização de uma mostra, publicação ou curso. O vínculo se forma por meio da pesquisa, que amplia as formas de ver e de compreender cada item. Os museus são assim, por sua constituição, as instituições mais aptas a estabelecer uma mediação entre o literário e o social, quer a partir de uma obra, de um aspecto da vida literária ou por meio da contextualização do fenômeno literário.

A presença da Literatura no museu já estava embutida na ideia que ligou por meio da palavra musa um local de estudo e exposição à arte poética. Levar a literatura para o museu porem não significa armazenar e expor objetos emblemáticos ou pessoais dos escritores. Pode também ser isso, mas é mais do que tudo estudar as produções literárias, associá-las às biografias e oferecer à sociedade leituras qualificadas das obras e dos contextos literários componentes dos acervos museais. Abordar possibilidades teóricas e revelar para um público leigo, nos museus, aspectos da literatura que vão desde biografias à crítica literária.

Tornar essas abordagens acessíveis de modo a que possibilitem a reflexão e portanto a produção de conhecimento.

É necessário levar em conta a estrutura e os objetivos dos museus bem como do profissional especialista na linguagem museográfica para alcançar uma dissociação essencial deste tipo de instituição daquelas que lhe são assemelhadas: bibliotecas e arquivos. Os museus se diferenciam dos congêneres não apenas pelo método de processamento de acervo e de dados resultantes de pesquisa, mas também pelo modo de interação com o usuário/visitante. Para compreender essas relações faz-se necessário abordar percepção e emoção nos universos em estudo: literatura e museus. Percepção e emoção estão presentes no ato de ler e de visitar um museu. As múltiplas possibilidades nesse exercício formatam uma tentativa de compreensão do comportamento humano.

A emoção é uma reação conseqüente ao ato de perceber. Ao estudar a emoção Jean Paul Sartre abordou a correspondência do aspecto fisiológico com diferentes emoções, como por exemplo, a cólera e a alegria, despertando ambas, reações físicas semelhantes: aceleração do ritmo respiratório, aumento do tônus muscular e da pressão arterial. Seu estudo, datado de 1939, quando os equipamentos e as pesquisas sobre o cérebro hoje existentes eram inimagináveis, poderia ser considerado obsoleto, fato que não exclui alguns de seus argumentos. Baseado em William James, Sartre entendeu a emoção como relacionada a fenômenos fisiológicos e psicológicos: um tipo de consciência das interações fisiológicas, a representação da relação do ser psíquico com o mundo. Percebeu que **em todas as emoções há um enfraquecimento das barreiras que separam as camadas profundas e as superficiais do eu, que normalmente asseguram o controle dos atos da personalidade profunda e a dominação de si mesmo.**

Foi Hannah Arendt porem, em a *Vida do Espírito*, quem melhor facilitou a compreensão do processo que leva o indivíduo da percepção à reflexão, ao estudar as atividades do espírito: pensar, querer e julgar. Ela conseguiu enunciar claramente as distinções entre essas e as atividades da alma. A emoção se manifestaria na alma e transpareceria nos aspectos fisiológicos, como já se disse. Sentimentos e emoções não são autocriados, mas provocados por eventos externos que nos afetam a alma causando reações. A autora evoca Santo Agostinho ao dizer que à

percepção segue-se uma visão interna, uma imagem que fica retida na memória pronta para tornar-se uma visão em pensamento. Já o espírito **aprende a lidar com as coisas ausentes e vai mais além, na direção do entendimento das coisas sempre ausentes e que não pedem para serem lembradas porque nunca estiveram presentes para a experiência sensível.**

Desse modo Arendt explica a transformação de um objeto sensível pertencente ao mundo das aparências, num objeto-pensamento. **Quando estou pensando não me encontro onde realmente estou; estou cercado não por objetos sensíveis, mas por imagens invisíveis para os outros.**

O indivíduo percebe por meio dos sentidos, é afetado emocionalmente pela percepção e forma uma imagem mental que será a base de um pensamento, o início de uma reflexão. Compreender o modo como se processa a percepção do mundo leva à compreensão da sua representação, matéria com a qual lidam as artes plásticas e a literatura.

O Museu expõe a história da identidade. É com essa definição de museu – essa ideia posta em prática, sob forma institucional, que é necessário lidar para realizar de maneira clara as ligações entre as formas diversas de perceber o mundo, transformando-as em apreensão de ideias e reflexão. Sendo a linguagem um lugar da memória dos povos é imprescindível refletir, face aos diferentes textos e leituras, que ambas, representação e linguagem, constituem as possibilidades do saber que o museu preserva e difunde.

A principal função de um museu voltado para a literatura será fazer valer essa capacidade de transmitir o conteúdo da obra, das imagens mentais transformadas em texto, do estilo e da linguagem utilizados com esse fim, tudo isso num contexto que abranja a biografia, o ambiente, a época e o texto; enfim todo o universo da criação literária. E ainda colaborar para que após a primeira confrontação com a ideia apresentada, que se dará a partir da emoção pessoal, se forme no visitante a compreensão e o aprendizado.

Estamos falando de modelos diversos de museus, adequados a modelos diversos de obras, de textos e de acervos. Lidando com um acervo material, o museu encaminhará ao visitante elementos que permitam a inserção desses objetos materiais na cronologia de vida e obra do autor protagonista. Muitas vezes, porém, não há acervo material e, o universo a ser musealizado é a própria obra,

apresentada como forma de compreender e transmitir a mensagem literária. Considerar a obra o próprio acervo do museu nos leva a um outro patamar museológico. Aquele que musealiza o imaterial, as ideias, as imagens e, da mesma forma, os cataloga, estuda e expõe.

É um desafio muito maior. Um desafio que não prescinde do crítico literário, do profissional de letras, pois a especialização é que fornecerá ao museólogo as maneiras de catalogar e expor - seja por meio de mostras, temporárias ou permanentes, de educar e registrar. O registro das estruturas e leituras criadas a partir das obras é que passarão a compor o acervo.

A Casa de Stefan Zweig em Petrópolis, Rio de Janeiro, é um bom exemplo de como um museu sem acervo material pode ser constituído.

Embora não seja chamado de Museu e, num contexto rígido, não se constitua num museu, a instituição, instalada no pequeno imóvel onde o escritor morreu, optou por estudar e expor de forma facilmente compreensível o universo do escritor austríaco. No quarto-cenário do suicídio do casal Zweig, apresenta-se a aura de depressão e morte que ronda o local. Pequeno quarto vazio, tem nas paredes o texto da carta de despedida. Impossível que o visitante, sabedor dos fatos, não sinta um misto de piedade, tristeza, inconformidade, lamento. Impressiona tanto o quarto vazio quanto um possível acervo material: a fotografia dos corpos ou a cama, os lençóis, o frasco de barbitúricos e o copo na cabeceira, – caso eles existissem. Nada sobrou do universo material em que se deram as mortes, mas o quarto vazio e as últimas palavras oferecem ao visitante o que é imprescindível: os sentimentos vividos que geram empatia e emoção.

Sem elementos museológicos materiais, o que o visitante apreende na casa é a obra de Stefan Zweig sua relevância bem como a relevância da sua biografia. Nas exposições temporárias que o museu constrói estão não apenas seus textos, mas também correspondências e as situações que as provocaram. Documentos que tratam de fatos e de textos; imagens, fotos, filmes, contexto histórico. Mesmo não pretendendo ser considerado um museu, a Casa de Stefan Zweig mantém um serviço educativo e promove consertos, publicações e conferências.

Em São Paulo, SP, a Casa de Mario de Andrade, se oferece ao visitante de forma parecida. Com relação a Mario, o que existe é uma espécie de

despreocupação cultural dos responsáveis pela memória literária brasileira. Está no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) todo o acervo material que pertenceu a ele, mas na sua casa, emblemática, histórica, no bairro da Barra Funda¹ ficaram os móveis fixos e a **sua cabeça**.

Por muito tempo aquele espaço funcionou apenas com oficinas culturais. Em 2016, porém, foi inaugurada a exposição permanente **O Coração Perdido**, em que alguns objetos pessoais, móveis antigos réplicas e muito do que se liga às atividades ali realizadas por Mario.

A casa era, ao mesmo tempo, um abrigo para o escritor, um espaço reservado à intimidade pessoal, mas ao mesmo tempo tinha um caráter bastante social, pois era lá onde o escritor recebia seus amigos para festas e comemorações. E ele gostava da casa cheia.

Ele mesmo desenhou os móveis de seu escritório e biblioteca, inspirado pelo trabalho de Bruno Paul, que conheceu numa revista de arte alemã. Uma das marcas da residência, embora modesta, era o número de quadros, livros e discos que Mário acumulava.

Para quem é leitor habitual do escritor sabe que referências ao sobrado são frequentes em suas prosas e versos. Então, já era tempo de Mário voltar para casa.

O acervo museológico de Mario, suas coleções, objetos pessoais, as coisas que guarneciam a residência, no entanto, permanecem no IEB. Não houve, por mais que Mario de Andrade seja um dos mais importantes autores brasileiros, um intelectual que transcende a poesia, o romance e o ensaio, qualquer demonstração de interesse em promover a leitura da sua obra e biografia no local adequado - a casa da Rua Lopes Chaves. Onde, em seu testamento poético, indicava, sua cabeça deveria ficar. A cabeça de Mário de Andrade, fonte das suas ideias, pensamentos, sonhos, conflitos, emoções.

Quando eu morrer

Quando eu morrer quero ficar,
Não contem aos meus inimigos,
Sepultado em minha cidade,
Saudade.

Meus pés enterrem na rua Aurora,
No Paissandu deixem meu sexo,
Na Lopes Chaves a cabeça

¹ O imóvel sito à rua Lopes Chaves, 546 na Barra Funda, projetado por Oscar Americano no início da década de 1920, é um sobrado geminado em estilo eclético.

Esqueçam.

No Pátio do Colégio afundem
O meu coração paulistano:
Um coração vivo e um defunto
Bem juntos.

Escondam no Correio o ouvido
Direito, o esquerdo nos Telégrafos,
Quero saber da vida alheia,
Sereia.

O nariz guardem nos rosais,
A língua no alto do Ipiranga
Para cantar a liberdade.
Saudade...

Os olhos lá no Jaraguá
Assistirão ao que há de vir,
O joelho na Universidade,
Saudade...

As mãos atirem por aí,
Que desvivam como viveram,
As tripas atirem pro Diabo,
Que o espírito será de Deus.
Adeus.

Como frequentemente ocorre, questões burocráticas e a falta de um pensamento voltado para a construção da memória separou os acervos, fragmentou a leitura. Na casa de Mário, que não é um museu na acepção da palavra, está, no entanto a aura que o envolve. E no IEB, calados, os seus pertences.

A construção de um circuito de visitação num museu literário deve obedecer primordialmente a um padrão estruturado sobre a obra literária. No circuito permanente ou nas exposições temporárias que o Museu realizará haverá demanda de pesquisa profunda, de exame da fortuna crítica do autor em foco e posicionamento isento. O visitante (assim como ocorre com o leitor) diante do exposto e tocado pela escolha da forma da exposição perceberá e reagirá, compreenderá e incorporará à sua subjetividade a mensagem enunciada no texto - tema. A forma de apresentar a obra literária e o universo da sua concepção ampliará no universo pessoal do leitor/visitante.

Quando se trata de levar a literatura ao Museu por meio de um circuito de visitação a principal referencia est a em Istambul, Turquia. Trata-se do Museu da Inocência, concebido por Orhan Pamuk.

Autor do romance hom nimo Pamuk coletou e usou como fonte de inspira o os objetos que formam o acervo do museu. Desde fotografias, artefatos, peças de indumentária e até guimbas de cigarro, a cole o foi sendo adquirida e recolhida na tentativa de recriar o ambiente turco dos anos setenta, espaço e tempo em que se desenrola a historia de amor de Kamal e F sun. Enquanto a personagem principal busca recuperar e reter os traços desse caso de amor o autor busca entender o processo de ocidentaliza o do país e guardar a memória do que vai sendo substituído.

Composto por oitenta e três vitrines que equivalem e remetem a cada um dos capítulos do livro hom nimo, o circuito do Museu da Inocência apresenta arranjos est ticos formados com esse acervo coletado e induz o visitante/ leitor ² a mergulhar naquele universo onírico. As imagens imateriais e profundas complementadas pela materialidade daquilo que as inspirou buscam alem da empatia, a compreensão de uma mesma humanidade que une a todos nós: produtor e receptor de uma ideia duplamente concebida.

O esforço de Pamuk não se frustra. Ao contrário, abre novas perspectivas na forma de intera o desse bin mio, Literatura e Museu. Hoje, alem de escritor premiado, artista plástico e arquiteto do seu próprio museu, Orhan Pamuk se constitui num novo paradigma dos estudos museológicos.

Não   possível ignorar o Museu da Inocência como a concretiza o da ideia de elabora o de um circuito de visita o de museu a partir da obra literária; como a concretiza o da possibilidade da leitura que transcende as palavras e despertar emo o e reflexão.

Sobre o assunto, disse o próprio Pamuk (2012):

Em museus bem construídos do ponto de vista poético, que se formou a partir das compulsões do cora o, somos consolados não por achar neles os objetos antigos que amamos, mas por perder ali toda a no o de tempo.

² Nesse caso ambos, pois 83 copias do romance, abertas nas paginas de cada capitulo provocam a visita o e a leitura concomitantes, de forma a que se complementem.

Complementando a ideia, podemos dizer que os museus são espaços em que, ao perder a noção do tempo, o homem entrega a sua sensibilidade e a sua capacidade de apreender ao processo de conexão com o que lhe é apresentado. É o momento em que o texto literário abre outras e novas possibilidades de apreensão e de transformação.

Os museus literários são poucos. Aqueles que possuem possibilidades literárias raramente são percebidos como tal. Assim, no *Musée Carnavalet*, em Paris, os objetos que pertenceram a Proust estão expostos sem qualquer conexão com o escritor e sua obra, notadamente o sobretudo que, como descreveu Lorenza Foschini. (FOSCHINI, 2012), o autor francês vestia quando, escrevia, deitado e doente.

Buscar o viés literário e permitir que o visitante/leitor perceba e correlacione os dois universos num circuito museal, que se emocionando e abra a sua subjetividade para o conhecimento é o que se espera desse empreendimento que aos poucos começa a se delinear para a sociedade do século 21. O encontro da literatura com o homem no ambiente do Museu.

A linguagem museal pode tudo ao abraçar a literatura, desde apresentar um escritor por meio da sua biografia e da sua obra, até aprofundar-se num único texto ou poema para desdobrá-lo e torná-lo mais próximo do visitante. Por outro lado a literatura entra em um museu, como bem intangível a ser preservado, difundido e transformado em memória (REIS, 2013, p. 12)

No século 21 a museologia vem sendo transformada e revitalizada, especialmente pelo uso de aplicativos tecnológicos³. Urge que a constituição de uma estrutura baseada em estudos literários e museais funcionem em sintonia com esses aparatos para possibilitar o conforto e ampliar as possibilidades de apreensão do visitante/leitor. Como disse Helio Oiticica, **Museu é o Mundo**. E esse mundo tem que ser conquistado e ocupado pelos estudos literários.

³ No Brasil o recente uso de um componente que permite a interação entre visitante/observador e a obra abre um leque de possibilidades para diferentes leituras (Pinacoteca de São Paulo). Aplicado à obra literária, ampliaria toda a possibilidade de compreensão de textos e contextos.

LITERATURE MUSEUMS: BUILDING CIRCUITS

ABSTRACT

This paper is about the possible relationships between Literature and Museums that occur when different aspects of writing are shown to the visitor of a museum, which differs from the reader as a discussion partner. Literature in a museum serves to improve the knowledge of the material and fictional world, and is able to awaken sensibility, and to develop reflexion about art. Different ways of reading texts and lives serve as of literary knowledge.

Key words: Literature, museums, perception, emotion, memory.

REFERÊNCIAS

ABREU, Roberto da Silva. **Eu não sabia que podia entrar**. Com a palavra o visitante do Museu Casa de Rui Barbosa. Dissertação de Mestrado. Centro de pesquisa e documentação de história contemporânea do Brasil – CPDOC. Fundação Getúlio Vargas.pdf.

ARENDDT, Hannah. **A vida do espírito**. Tradução Cesar Augusto R. de Almeida, Antonio Abranches e Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2008.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução Jaime Ginzburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DINES, Alberto. **No país do futuro**. A Biografia de um livro. Ediouro, RJ, 2009.

ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. Tradução Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **Sobre literatura**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FOSCHINI, Lorenza. **O Sobretudo de Proust História de uma obsessão literária**. Tradução Mario Fondelli. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução Salma Tanuo Muchail. São Paulo. Martins Fontes. 2002.

HOOPER-GREENHILL, Eileen. **Museums and their visitors. The Heritage: Care-preservation-Management**. York, England: Routledge, 1994.

LIMA, Luiz Costa. **O controle do imaginário & A afirmação do romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

OLINTO, Heidrum & SCHOLHAMMER, Karl Erik. **Literatura e Memória**. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco. 2006.

PAMUK, Orhan. **A Maleta do meu pai**. Tradução Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **O Museu da Inocência**. Tradução Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **O romancista ingênuo e o sentimental**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **L' Innocence des objets**. Tradução Valéry Gay Aksoy. Paris : Gallimard. 2012

PEARCE, Susan. Pensando sobre objetos. In: **Museu: Instituição de pesquisa**. Rio de Janeiro: MAST, 2005.

SACKS, Oliver. **O olhar da mente**. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.

REIS, Claudia Barbosa. **A Literatura no Museu**. Rio de Janeiro: Cassará, 2010.

SARTRE, Jean Paul. **Esboço para uma teoria das emoções**. Tradução Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2010.

SILVA, Rita Gama. **Cotidiano e cultura material: objetos de escrita e evidências na correspondência pessoal de Rui Barbosa**. Abril de 2010. Aguardando publicação na série Estudos sobre o Acervo do Museu Casa de Rui Barbosa.

SNELL, Bruno. **A Cultura grega e as origens do pensamento europeu**. Tradução Perola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SPINELLI, Teniza. **Museus literários no Brasil**. História, idéias e guia de acervos. Porto Alegre: ALFRS, 2009.

TORRANO, Jaa. **Teogonia**. A Origem dos deuses. Estudo e tradução. São Paulo: Iluminuras, 2007.

VARGAS LLOSA, Mario. **Cartas a um jovem escritor**. Tradução Regina Lira. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.